

# Corrigindo falhas de mercado e construindo riquezas

## José Pereira Campos Filho: exemplo de desbravador e idealista

Eliseu Alves<sup>1</sup>  
Paulo Martins<sup>2</sup>

A pequena produção vive em cenário distorcido, pois vende o que produz por preços menores que os praticados por grandes produtores, e compra insumos por preços maiores. A relação preço do produto/preço do insumo desfavorece a adoção de tecnologias que aumentem a produção por hectare. Na produção de leite, aves, suínos e lavouras, no aluguel de máquinas e equipamentos, na compra de sementes, fertilizantes e agrotóxicos, a pequena produção sempre leva desvantagem, pois não escapa do poder dos oligopólios que compram a sua produção e dos oligopsônios que vendem os insumos de que necessita. Além disso, tem dificuldades para acessar crédito em condições que lhe permitam adquirir mais terras e maquinário, e é carente de assistência técnica.

Na produção de leite não é diferente, e o setor apresenta estruturas imperfeitas de mercado. A relativa facilidade de entrada e saída dos agentes econômicos dificulta a organização de um sólido grupo de interesse. Além disso, os cerca de 1,3 milhão de propriedades formam estrutura atomizada, o que faz dos produtores tomadores de preços do produto que ofertam. A maioria dos produtores conhece o preço pago

ao leite somente a posteriori, ou seja, no mês seguinte ao da entrega da produção. Porém, informação técnica e econômica é um bem escasso entre produtores. Poucos têm assistência técnica continuada, e poucos acompanham o comportamento dos diversos mercados de insumos dos quais eles são compradores (grãos, adubos, medicamentos, por exemplo).

Nos principais países produtores de leite, o cooperativismo é a estratégia usada pelos produtores para reter parte do valor gerado na cadeia. Nos países desenvolvidos, as cooperativas são responsáveis pela comercialização de três em cada quatro litros processados. Além disso, as cooperativas estão entre as maiores empresas laticinistas. Duas das principais empresas lácteas do mundo são cooperativas. A Fonterra, da Nova Zelândia, e a Dairy Farmers of America, dos Estados Unidos, são cooperativas que, juntas,



Foto: Leandro Couri

<sup>1</sup> Engenheiro-agrônomo, Ph.D. em Agricultural Economics, pesquisador da Embrapa. E-mail: eliseu.alves@embrapa.br

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Econômicas, Doutor em Economia Aplicada, pesquisador da Embrapa. E-mail: pccmar@terra.com.br

processaram 38,7 bilhões de litros de leite em 2011. Isso correspondeu a 5,4% de toda a produção mundial e mais do que o dobro de todo o leite processado no Brasil naquele ano. As duas cooperativas faturaram US\$ 29,4 bilhões. Entre as 12 maiores empresas lácteas do mundo, 5 são cooperativas. Juntas, estas processaram 9,3% de toda a produção mundial e faturaram US\$ 56,3 bilhões em 2011.

No Brasil, as cooperativas de leite controlavam cerca de 70% da produção na década de 1970. Até 1991, com pouca competição no mercado e preços controlados, quatro entre as oito maiores empresas do setor eram cooperativas. Em 2012, o percentual de leite controlado pelas cooperativas caiu para cerca de 35% da produção, e somente a cooperativa CCPR/Itambé estava entre as oito maiores empresas, tendo ocupado o terceiro lugar. Em quatro décadas, desapareceram as outras três grandes cooperativas centrais: a paulista CCL, a gaúcha CCGL e a carioca CCPL.

A CCPR/Itambé é referência quando o assunto é proteger seus 8 mil cooperados contra as distorções do mercado de lácteos. Construiu cinco unidades fabris sem que houvesse desembolso dos seus cooperados e criou a maior rede de armazéns rurais e a maior estrutura de produção de ração para bovinos de leite do Brasil, para tornar acessíveis os insumos de que o cooperado necessita. Além disso, investe em programas de assistência técnica, em parceria com o Sebrae,

federações de agricultura, Embrapa e universidades (UFV, UFMG, Ufla e USP/Esalq). Mantém uma propriedade agrícola que produz fêmeas para distribuição aos cooperados e conduz programas de inseminação a preços acessíveis. A CCPR/Itambé foi o primeiro laticínio brasileiro a resfriar todo o leite de seus cooperados. A aquisição dos tanques de resfriamento foi paga com a elevação do preço ao produtor que resfriava o leite. Além disso, a CCPR/Itambé contribui para a proteção do preço do leite até mesmo para quem não é cooperado, pois nas regiões em que capta leite o preço é maior que naquelas em que não se faz presente, nos mercados de Minas Gerais e Goiás.

Por trás dessa vitoriosa experiência, por 40 anos, esteve José Pereira Campos Filho, na condição de presidente da CCPR/Itambé. Nesse período ele formou as características da cooperativa. Ele tinha claro que a cooperativa era o espaço para proteger o cooperado e exigia eficiência: nada de politicagem ou empreguismo. Adotou sempre os mais modernos métodos de gestão, atraiu pessoas competentes e os fez diretores, formou gestores. Investiu em tecnologia de processamento e controle e facilitou o acesso à tecnologia de produção pelos cooperados. O Doutor Pereira, como era conhecido, também atuou na defesa dos interesses dos produtores, por meio do OCB. Ele nos deixou em julho de 2013, mas seu exemplo de idealista e trabalhador incansável permanecerá como legado do cooperativismo brasileiro.